CORPO, BIOTECNOLOGIAS E ANTIENVELHECIMENTO:UM ESTUDO COM MULHERES DA CIDADE DE ARACAJU/SE

BODY, BIOTECHNOLOGY AND AGING PROCESS: A STUDY WITH THE WOMEN FROM ARACAJU/SE

Luana Alves dos Santos
Universidade Federal de Sergipe (UFS)
Aracajú, SE, Brasil
luana.adsantos1@gmail.com

Fabio Zoboli
Universidade Federal de Sergipe (UFS)
Aracajú, SE, Brasil
zobolito@gmail.com

Crislene Góis Santos
Universidade Federal de Sergipe (UFS)
Aracajú, SE, Brasil
leninha_gois@hotmail.com

Theodoro Filho
Universidade Federal de Sergipe (UFS)
Aracajú, SE, Brasil
theodoro@infortele.com.br

Resumo. O presente artigo tem como objetivo identificar e compreender de que forma as mulheres que estão na faixa etária entre 35-45 anos da cidade de Aracaju/SE se relacionam com o uso/manipulação da biotecnologia a fim de manter os padrões de beleza corporal no sentido de apagar do corpo as marcas do início da velhice. O texto é fruto de uma pesquisa quali-quantitativa abordada sob o viés de um estudo de campo. Como instrumento para coleta de dados foram utilizados 2 questionários: um aplicado junto a uma amostra de 400 mulheres com idade entre 35-45 anos; e outro junto a 50 homens, parceiros destas mulheres. A insatisfação com o aumento de peso foi apontado como maior preocupação com o corpo no processo de envelhecimento e o uso das tecnologias ligadas a sanar estes índices que apareceram de forma mais saliente nos dados coletados.

Palavras-chave: Corpo; Mulher; Envelhecimento; Biotecnologia; Aracaju/SE.

Abstract. This paper aims to identify and understand how the women between 35-45 years old from Aracaju/SE relate themselves to use/manipulation of the biotechnology to maintain beauty standards, in an effort to erase the age marks from their bodies. This text came from a qualitative and quantitative research, made undelr a field study. As an instrument of data collection, were used two questionnaires: one applied to a 400 women sample; another applied to 50 men, partners of those women. The dissatisfaction with the weight gain was pointed as the biggest concern about aging. The use of technology to minimize the aging process also was observed through the collected data.

Keywords: Body; Woman; Aging process; Biotechnology; Aracaju/SE.

INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como objetivo identificar e compreender de que forma as mulheres que estão na faixa etária entre 35-45 anos da cidade de Aracaju/SE se relacionam com o uso/manipulação da biotecnologia a fim de manter os padrões de beleza corporal no sentido de apagar do corpo as marcas do início da velhice. Os usos/manipulações das biotecnologias que analisamos neste estudo vão desde uma simples tintura de cabelo até as cirurgias plásticas de modelagem corporal a fim de manter os padrões de beleza corporal e retardar os sinais do envelhecimento corporal.

Com a ciência moderna e sua ânsia de dominar a natureza, o homem procura desenvolver ferramentas para o controle dela. Desse controle, cria-se a "técnica", e o corpo não foge a estas regras de manipulação e governo, afinal, dominar o corpo e interferir na sua natureza é parte do desejo do homem e da ciência.

Pela manipulação por meio da técnica, o corpo cada vez mais foi sendo alvo de domínio da mesma. As ciências que lidam com o corpo avançam a passos largos e é cada vez mais perceptível novas tecnologias acopladas a ele neste início de milênio. A biotecnologia, como um dos ramos da tecnociência, cada vez mais se destaca no sentido de ser um dispositivo de modulação do corpo (BRUNO, 1999). Assim, ela visa oferecer ao corpo seu estado de natureza, porém cada vez mais a biotecnologia está visando a penetrar/invadir/metamorfosear a organicidade do corpo, não mais normalizando suas funções (dando a ele seu estado de homeostase), mas sim ampliando, transpondo, potencializando, transcendendo essas funções. Ou seja, pela técnica, busca-se sanar a precariedade do corpo enquanto natureza.

Desta forma, a biotecnologia ligada ao âmbito da produção do padrão de beleza corporal feminina se caracteriza como um dispositivo de interferência, no qual se visa a potencializar e modular o corpo apontando possibilidades de subverter a lógica do envelhecimento. Neste sentido, potencializa-se o embelezamento do corpo – sua capacidade de ficar ou permanecer belo – para além da condição de natureza destas mulheres nessa fase da vida.

Este texto é fruto de uma pesquisa quali-quantitativa abordada sob o viés de um estudo de campo. Como instrumento para coleta de dados foram utilizados 2questionários: um aplicado junto a uma amostra de 400 mulheres com idade entre 35-45 anos; e outro junto a 50 homens, parceiros destas mulheres.

A fim de apresentarmos nossa pesquisa, o presente escrito foi dividido em três partes: num primeiro momento, apresentamos o corpo e a biotecnologia com foco no antienvelhecimento feminino e os mecanismos de fabricação do belo e do jovem. Na sequência, apresentamos a metodologia que orientou nosso estudo. Na terceira e última parte do texto, analisamos e apresentamos os dados da pesquisa com a intenção de discorrer com autores que abordam a temática.

CORPO E BIOTECNOLOGIA: O ANTIENVELHECIMENTO FEMININO E A FABRICAÇÃO DO BELO E DO JOVEM

O corpo humano estabelece suas relações consigo mesmo, com o outro e com o mundo. O sentir, o pensar e o agir caracterizam a existência e a vida humana. Essa tríade, no entanto, não se dá de modo fragmentado e linear, mas sim através de uma rede complexa de interações que se dão na dimensão corporal humana. Pelo corpo eu percebo, pelo corpo eu analiso e pelo corpo eu (com) existo no mundo.

A sociedade é uma estrutura acolhedora da cultura que está dotada de significados, valores e normas que variam de acordo com cada época (tempo) e cada lugar (espaço). E assim, o corpo se torna "um produto de uma construção social específica e cada gesto ou postura como a expressão individual de uma totalidade social" (DAOLIO, 1994, p. 98).

Neste sentido, os corpos são atravessados por signos que os marcam, que os expõem enquanto suporte de sentidos e significados definidos dentro de um contexto social. Os padrões de beleza corporal não fogem a estas demarcações sociais, pois, como afirma Bártolo (2007), não há pensamento que não comece pelo corpo, tal como não há sentido que não comece pelo corpo; mas, igualmente, não há corpo que não seja pensado, tal como não há corpo que não seja sentido. Sendo assim, ser bela na atualidade significa ter um corpo jovem, magro, esbelto, com alguns grupos musculares definidos e delineados. Os padrões de beleza vêm cercados de signos de higiene e saúde.

Por estas características, envelhecer acaba sendo um problema no contexto social, porque a velhice causa no corpo – em termos de estrutura biológica – um desgaste que se materializa em forma de rugas, flacidez, redução da libido, dentre outros tantos fatores que acabam sendo estigmatizados como feios.

Desta forma, compactuamos com Swain (2008, p.261) ao mencionar que:

> Velhice é a marca da morte em nosso corpo, em nossa pele, em nossos olhos, em nosso olhar, mas também o é a doença, o medo, o ódio, o poder que dissolve as estranhas [...]. Para as mulheres, é "a essência que lhes é atribuída, a procriação-sedução desaparece, reduzindo a corpos inexpressivos [...] significa perda: perda de importância, status, de autoestima.

"Ser velha, com o espírito e aparência jovem", é a expressão almejada por muitas mulheres que se aproximam da meia idade. Surge nessa fase um corpo que não quer sentir a rejeição social "contaminada" pela cultura do belo. Grandes dificuldades começam a surgir em decorrência das mudanças anatômicas como a pele flácida que resseca e perde o brilho da jovialidade, os cabelos brancos ficam mais fracos e quebradiços, "o enfraquecimento do tônus muscular e da constituição óssea leva a mudanças na postura do tronco e das pernas, acentuando ainda mais as curvaturas da coluna torácica e lombar" (NETTO, 2004, p.78).

A beleza corporal feminina na modernidade é por demais influenciada pela "fabricação" mediada pela Indústria Cultural[1], sendo a moda atual pensada para corpos jovens. São propagados padrões de beleza a fim de que sejam subjetivados pelos sujeitos e, por consequência, passem a mediar o comportamento dos mesmos a fim de buscar tais modelos. Essa propagação de modelos de beleza disseminadas pela Indústria Cultural tem interesses mercadológicos que fazem girar as ciências/tecnologias que lidam com o corpo.

Gera-se dentro dessa cultura uma necessidade de obter um corpo bonito, jovem e de musculatura esguia. O mercado da beleza oferece a essas mulheres tudo – ou quase tudo – que precisam para alcançar o corpo ideal: o silicone para segurar o seio; a cirurgia plástica e os cremes antienvelhecimento para apagar as marcas das rugas; a lipoaspiração para ajustar partes do corpo que estão com gordura acumulada; e outros. As candidatas à meia idade são atraídas pelas propagandas de embelezamento feminino que as revistas de cosméticos, por exemplo, trazem em um jogo de palavras, expressões como:

> 1. O que uma mulher viveu não precisa ficar no rosto. Pode ficar na memória. O que uma mulher viveu, sua pele pode esquecer; 2. O primeiro que combate às marcas do tempo sem ter a pretensão de parar no tempo. Parar o tempo é parar a vida. E uma mulher sem vida não é bonita por mais jovem que ela seja (PALÁCIOS, 2009, p.92).

Diante das novidades biotecnológicas que circulam no mercado da saúde, o corpo acaba sendo exposto a essas manipulações: artefatos capazes de aumentar a eficiência do corpo enquanto objeto/produto para potencializá-lo e assim promovê-lo. O mercado vem oferecer o que as mulheres precisam para se manterem com as funcionalidades ainda de um corpo jovem, expondo produtos de "viva juventude": antimenopausa, antirrugas, anticelulite, antivelhice.

Quanto mais uma mulher é subjetivada pela busca do corpo belo, mais ela fica exposta às exigências de atingi-lo. Com isso, exige-se da mulher um corpo esbelto, com alguns grupos musculares delineados; com curvas que sustentem a leveza e a graciosidade feminina; nada de barriga e gorduras localizadas salientes; nada de pele flácida e enrugada; enfim, são construídos signos que estruturam todo um esquema de sentir/pensar e agir o corpo e a sua relação com o belo.

---

[1]A indústria cultural, segundo Adorno (2009), versa em "moldar" a produção cultural de modo que assumam padrões comerciais, sendo assim facilmente reproduzidas e massificadas, deixando a exclusividade para adotar o papel de simples coisas.

O organismo humano está se tornando, frente às novas tecnologias, uma espécie de "máquina" que tem a capacidade de ser modificada, consertada, moldada, reparada, enfim, corrigi o que está fora do padrão para se atingir o que se define como "perfeito". Essas são análises que aqui entendemos como ligadas ao âmbito da biotecnologia. A biotecnologia é um dos ramos da tecnociência que, segundo Manske (2013, p292), é:

> Amplamente utilizado em diversas situações, o que lhe confere diferentes definições e acarreta uma série de possibilidades de produção, tais como a fabricação de antibióticos, vacinas, testes genéticos e medicamentos diversos, bem como de campos de intervenção como a engenharia e o aconselhamento genético.

A biotecnologia é caracterizada pela manipulação de componentes dos seres vivos. São ramos da biotecnologia a microbiologia, a genética e a biologia molecular. Basicamente, as biotecnologias buscam potencializar o corpo para além de suas condições naturais. A esperança de vida tem se duplicado gradativamente graças às novidades tecnológicas, que expandem cada vez mais os horizontes da condição humana. A ciência/tecnologia disponibiliza com grande facilidade produtos no mercado, capazes de sanar as necessidades do corpo. Dentre eles encontramos: próteses, silicones, aparelhos de musculação, remédios emagrecedores, cirurgias plásticas, roupas modeladoras, maquiagem, cremes de embelezamento e um sem fim de produtos que podem, simplesmente, fazer do meu corpo, o que eu quero que ele seja. Os padrões de beleza passam a criar tecnologias que alimentam o mercado desse corpo, seja ele jovem ou velho, bonito ou feio, magro ou gordo.

Cuidar do corpo com a chegada da velhice, não é mais apenas tomar remédios para repor hormônios, fortificar os ossos ou prevenir doenças, mas, também fazer uso de medicamentos para emagrecer; exercícios físicos e cremes para evitar o aparecimento de uma pele flácida, rugas e seios caídos. A velhice hoje, para Le Breton (2011, p. 224):

> É esse "continente cinza" delimitando uma população indecisa, um pouco lunar, extraviada na Modernidade. O tempo não está mais na experiência e na memória. Ele tão pouco está no tempo deteriorado. A pessoa idosa resvala lentamente para fora do campo simbólico, transgride os valores centrais da Modernidade: a juventude, a sedução, a vitalidade do trabalho, o trabalho. Ela é a encarnação do recalcado. Lembrete da precariedade e da fragilidade da condição humana, ela é o rosto mesmo da alteridade absoluta.

METODOLOGIA

O presente texto é fruto de uma pesquisa de cunho quali-quantitativo. O viés qualitativo no estudo se caracteriza na medida em que na pesquisa são interpretados problemas sociais e econômicos bem como os sentidos e significados atribuídos ao envelhecimento do corpo entre mulheres de 35-45 anos da cidade de Aracaju. Por sua vez, a pesquisa quantitativa se justifica na medida em que "as explicações devem corresponder ao critério da universalidade, isto é, devem ser compreendidas e aceitas por muitos. O fenômeno é explicado a partir de um conjunto de proposições plausíveis" (GRESSLER, 2007, 105).

A pesquisa se caracterizou como sendo uma pesquisa de campo. Para Lakatos e Marconi (1991, p. 189), a "pesquisa de campo está voltada para o estudo de indivíduos, grupos, comunidades, instituições e outros campos, visando à compreensão de vários aspectos da sociedade". Inserido em um contexto da vida real, a pesquisa investiga como os modos de vida em mulheres de 35-45 anos, na cidade de Aracaju [2], no que tange os cuidados com o seu corpo, agem no processo do

[2]Cidade de Aracaju é capital do estado de Sergipe – um dos 9 (nove) Estados do Nordeste. Localiza-se no litoral leste do Brasil, sendo cortada pelos rios Sergipe e Poxim, tendo como um dos principais pontos turísticos a Orla de Atalaia–uma das

antienvelhecimento, destacando a apropriação das biotecnologias como forma de melhorar o corpo feminino.

Para a realização da pesquisa foi utilizado dois questionários como instrumento de coleta de dados: 1(um)questionário com questões abertas e fechadas, direcionado a mulheres de 35 a 45anos de idade de Aracaju-SE; e o segundo questionário foi aplicado junto a 50 homens/parceiros[3] que acompanhavam estas mulheres durante a pesquisa. Neste sentido, compactuamos com Gressler (2007, p. 167) quando anuncia que "o questionário é constituído por uma série de perguntas, elaboradas com o objetivo de se levantar dados para uma pesquisa, cujas respostas são formuladas por escrito pelo informante, sem o auxílio do investigador". Para a realização da aplicação dos questionários, solicitamos que os indivíduos pesquisados assinassem um termo de consentimento livre e esclarecido.

Para chegar a um número representativo e válido no âmbito da pesquisa acadêmica, foi utilizado o cálculo da amostragem aleatória simples, elaborado por Barbetta (1999). Segue a fórmula[4] para se calcular o erro amostral:

$$\boldsymbol{n0 = \frac{1}{E0^2}}$$

O primeiro passo para se chegar ao resultado amostral foi encontrar o tamanho (**N)** da população. Para tal, foi necessário buscar o censo da última pesquisa do IBGE (2010) em Aracaju, que apontou o número de 350.719 mulheres como total de residentes na cidade. Deste total o senso estima que50.719 mulheres possuam idade dentro da faixa de 35 a 45 anos de idade.

Para que seja determinado o tamanho de uma amostra válida, o pesquisador precisa especificar o *erro amostral tolerável* (**EO)**. Segundo Barbetta (1999, p.57), "*erro amostral* é a diferença entre o valor que a estatística pode acusar e o verdadeiro valor do parâmetro que deseja estimar". Determina-se como a percentagem máxima para o erro amostral uma percentagem de até 5%.

Admitimos que os erros amostrais não ultrapassem de 5% (E0 = 0,05).

$$n0 = \frac{1}{(0{,}05)^2}$$

$$\boldsymbol{n0 = 400}$$

Considerando o erro amostral de 5% e utilizando a fórmula acima, encontramos o número aproximado para o tamanho da amostra, que resulta em 400. Assim, partimos para o cálculo final da amostra:

$$\boldsymbol{n = \frac{N.n0}{N + n0}}$$

$$n = \frac{50.719x400}{50.719 + 400}$$

---

mais belas orlas do país. É considerada a capital brasileira da qualidade de vida, já que em grande parte da cidade percebe-se os investimentos nas obras de infraestrutura e nos aspectos sociais como a saúde e educação.

[3] Por parceiros nesta pesquisa, entendemos: maridos, namorados, noivos e amasiados.

[4]Onde: **N=** Número de elementos da população (quantidade de mulheres de 35/45 anos que residem na cidade de Aracaju); ***n*** = Tamanho (número de elementos) da amostra; ***n*0=** número aproximado para o tamanho da amostra, e **E0**= erro da amostra tolerável

$$n = 396{,}87$$

Depois de aplicar os dados do IBGE (2010) na fórmula proposta por Barbetta (1999), obtivemos um total de *396,87* mulheres que participariam do nosso estudo de caso, ou seja, 400 mulheres responderam aos questionários. Para aplicarmos o questionário fomos a locais que garantissem essa aleatoriedade, então aplicamos as perguntas na Orla da Atalaia, Centro de Aracaju, Mercado Municipal, Parque dos Cajueiros e Praias (Atalaia, Aruanda e Mosqueiro). Esses lugares nos permitem abordar mulheres que estão dentro do cálculo da amostragem aleatória simples no contexto dos 39 bairros existentes na cidade de Aracaju/SE.

APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Como descrito acima, foram elaborados dois questionários com questões abertas e fechadas: 1 (um) direcionado a mulheres de 35 a 45 anos e o outro para homens que convivem como parceiros dessas mulheres (maridos, namorados, amigos ou amasiados). Nossa amostra foi composta por 400 mulheres e 50 homens. A partir de agora, passamos a apresentar os dados a fim de analisá-los.

A VOZ DAS MULHERES

O questionário apresentado às mulheres apresentava 3 sessões: 1) identificação; 2) corpo e idade; e, 3) corpo e biotecnologia.

Identificação

A primeira parte do questionário estava ligada ao contexto da identificação dos sujeitos pesquisados. A primeira questão fazia alusão a idade das mulheres dentro de nosso recorte, desta forma, foi verificado o seguinte resultado:

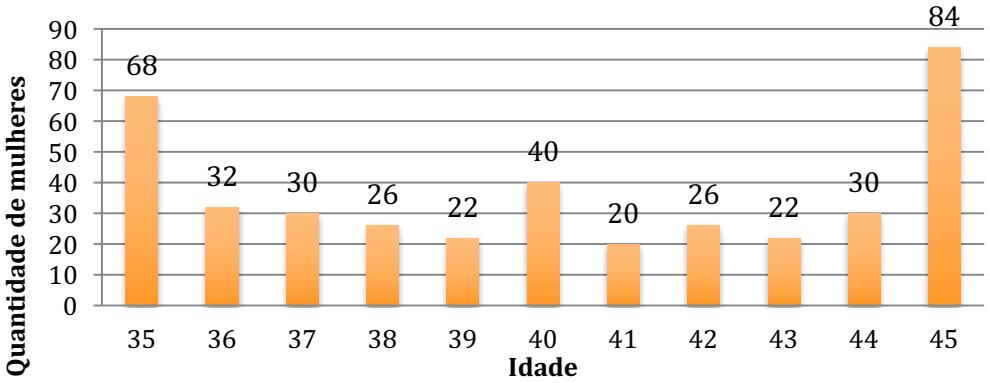


Gráfico 1 – Quantidade de mulheres de 35 a 45 anos de idade da cidade de Aracaju que responderam ao questionário

O segundo questionamento refere-se ao estado civil das entrevistadas. Foram apresentadas as seguintes opções: solteira, casada, amasiada, separada/divorciada ou viúva. Nesse sentido, o gráfico 2 apresenta o estado civil dessas mulheres entrevistadas.

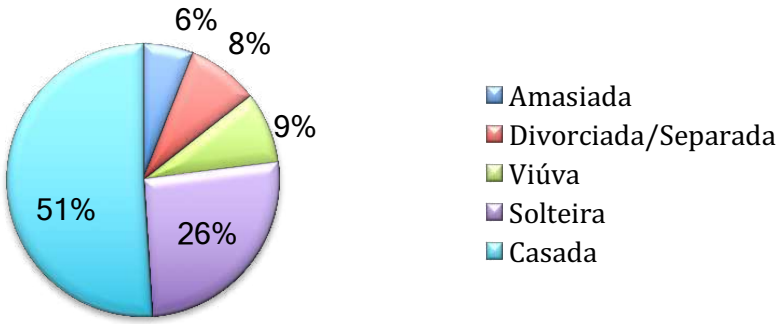


Gráfico 2 – Percentual do Estado Civil das mulheres de Aracaju/SE que responderam ao questionário

A terceira questão tratou sobre o local/bairro de residência das mulheres. Dos 39 bairros que existem no município de Aracaju, 29 foram citados pelas entrevistadas. Desta forma, podemos afirmar que os locais que escolhemos para realizar a pesquisa a fim de garantir a aleatoriedade da amostra estão dentro de um percentual aceitável frente ao total de bairros, pois foram atingidas mulheres de 74% dos lugares da cidade.

A quarta questão fazia alusão ao ter ou não filhos, sendo assim, das 400 entrevistadas, 108 disseram "não" ter filhos e 292 disseram ter. Às mulheres que disseram possuir prole foi perguntada a quantidade de filhos. O gráfico 3 ilustra os dados coletados.

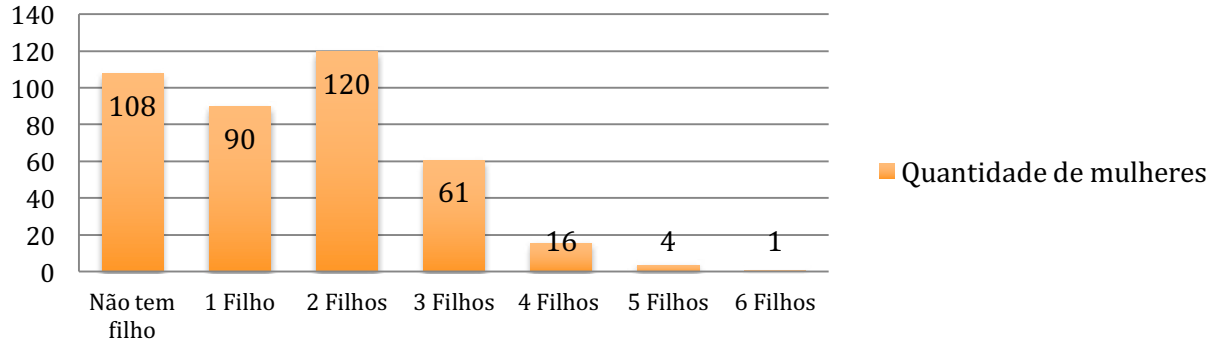


Gráfico 3 – Quantidade de filhos que as mulheres entrevistadas possuem

A fim de sabermos sobre as condições financeiras dessas mulheres, a quinta e última questão ligadas ao bloco de questões de identificação esteve relacionada à renda mensal. Com isso, havia as seguintes opções: até 1 (um) salário mínimo (18%), até 2 (dois) salários mínimos (25%), até 3 (três) salários mínimos (25%), até 4 (quatro) salários mínimos (25%) ou sem renda (7%). Entre essas mulheres que não possuíam renda, todas colocaram como profissão "dona do lar".

Corpo e Idade

A segunda sessão do questionário esteve focada com questões ligadas ao âmbito do corpo e da idade, ou seja, questionamentos relacionados à preocupação do corpo com o avançar da idade. Desta forma, foi perguntado se a mulher estava satisfeita com seu corpo: 206 mulheres responderam "sim", estão satisfeitas; e, 194 responderam que "não". Das que responderam "não" foi perguntado o porquê da insatisfação, elas responderam estarem insatisfeitas pelos seguintes motivos representados no gráfico a seguir.

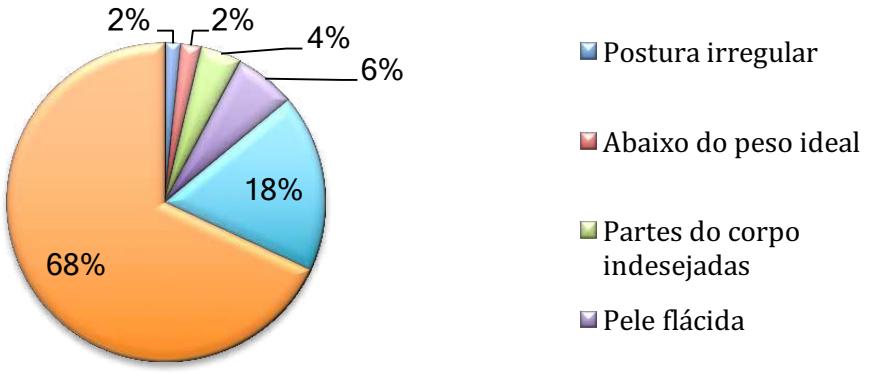


Gráfico 4. Percentual dos motivos de insatisfação das mulheres entrevistadas com o corpo

O resultado da relação de satisfação e insatisfação das mulheres com o corpo foi no mínimo divergente, para não dizer contraditório. Os números nos mostram que o índice de mulheres "satisfeitas" com o corpo é maior do que as "não satisfeitas". No entanto, apesar de as mulheres de Aracaju se dizerem satisfeitas com o corpo, todas elas em questões subsequentes apontam problemas e incômodos relativos ao seu corpo e frente a isso criam uma necessidade de modificá-lo, corrigi-lo ou ajustá-lo.

Um dado importante é que, das mulheres que disseram "não ter filhos", a maioria alegou estar satisfeitas com o corpo; as outras – que tem filhos – não estão satisfeitas com o corpo, e justificaram a resposta mencionando que ficaram acima do peso depois da gravidez. Neste sentido, percebemos que a mulher não está mais submissa a ter que enfrentar várias gestações – como nossas avós e bisavós –, mas está condenada à cobrança de se manter atraente e bela depois de ter que gerar em, e, com seu corpo, um(a) filho(a).

O drama da gordura parece assolar toda uma cultura que já se reconhece como lipofóbica. Nessa lógica, na menção de Del Priori (2000, p. 89-90):

> O corpo precisa refletir o controle narcísico dos apetites, das pulsões, das fraquezas. Ai daquelas que não se controlam frente ao prato de batatas fritas! Vencidas pela gula, as gordas são consideradas perdedoras [...] Tornar-se um saco de ossos parece ser o ideal da mulher contemporânea, mulher que habita um mundo onde milhares morrem de fome.

Sob a ótica das questões ligadas ao estigma frente ao corpo gordo, podemos mencionar que estes dados podem ser vistos como aspectos que estruturam relações de poder na medida em que atribuem valores às configurações corporais, dimensionando-as simbolicamente como inferiores ou superiores. Foucault (2000) menciona que o corpo estigmatizado passa assim a ser dominado por inúmeros signos que exercem sobre ele relações de poder na medida em que precisa ser formado, corrigido e receber certo número de qualidades a fim de eliminar as marcas que o estigmatizam.

Ainda no bojo das preocupações que dizem respeito ao corpo, procuramos saber também como as mulheres entre 35 e 45 anos estão lidando com as preocupações veiculadas ao corpo com o avançar da idade. Das 400 entrevistadas, 46 responderem não estar preocupadas com o corpo e 354 responderam que a chegada da "velhice" aumenta as preocupações ligadas ao corpo. Estas últimas mencionaram que se preocupam mais com o corpo no sentido da saúde, flacidez, doenças, beleza, aumento de peso, alimentação e desempenho físico, como podemos visualizar no gráfico5 em seguida.

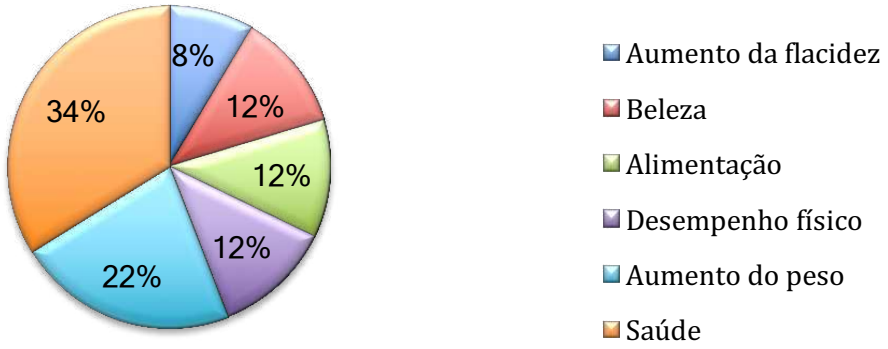


Gráfico 5 – Percentual sobre o que mais preocupa as mulheres entrevistadas com o avançar da idade

A relação entre aparência física, saúde, higiene, alimentação estão cada vez mais estreitas e, às vezes, são confundidas, compreendidas como sinônimos entre si. Sob esta ótica, Vigarello (2006) afirma que o discurso de aproximação entre saúde e beleza tem sido utilizado historicamente para mediar a construção do padrão de corpo feminino. "A biologia de nossos corpos, medida pela aparência corporal, pela sua performance e capacidade orgânica, tanto integra a identidade do sujeito contemporâneo quanto constrói uma subjetividade, delineando aquilo que somos ou, ainda, o que desejamos ser" (GOELNER E SILVA 2012, p. 203).

Perguntamos ainda se as mulheres mudariam alguma parte do corpo. Das entrevistadas, 144 disseram que não sentiam necessidade de tal mudança e 256 disseram que fariam mudanças por alguma influência ou vontade própria. Com isso, as mulheres fariam mudança por influência da mídia (5%), amigos(as) (6%), namorado/marido/companheiro (5%), vontade própria (84%); ou, se não sentia vontade/necessidade de mudar nada.

Estes dados são de difícil interpretação e análise na medida em que acreditamos que o sujeito não existe fora do contexto social que o produz, afinal, como menciona Gomes (2013, p. 79), "aprender a ver-se, a dizer-se, a julgar-se e a sujeitar-se é aprender a fabricar o próprio duplo da imagem de si". No entanto, o autor ressalta que esse duplo.

> não é a projeção espontânea do eu, sendo constituído por uma série de mecanismos de relação: os mecanismos de observação que determinam o que devo ver de mim próprio e como posso ver; os mecanismos discursivos que estabelecem o que posso dizer de mim mesmo e como posso dizê-lo; os mecanismos de avaliação que fornecem as normas e os valores segundo as quais o indivíduo se julga a si próprio; os mecanismos de sujeição que constroem as parcelas e as formas de domínio sobre o ser próprio (GOMES, 2013, p. 79).

Com a intenção de obtermos a opinião das mulheres sobre o que elas consideram de maior importância quando devem cuidar do corpo para adiar a meia idade, foi feita uma questão na qual foi solicitado que as mulheres respondessem por grau de prioridade. Foram oferecidas quatro opções: saúde, corpo/estética, melhor relacionamento e trabalho. A partir disso, as entrevistadas foram convidadas a assinalar por grau de importância todas as alternativas. Como resultado, a opção **saúde** apareceu como a de maior importância, sendo citada por 272 mulheres; em segundo, **corpo/estética,** com 180 mulheres; em terceiro, **relacionamentos,** com 228 mulheres; e em quarto, o **trabalho,** com 260 mulheres.

Corpo e biotecnologia

A terceira e última parte do questionário esteve focada com questões ligadas ao âmbito do corpo e da biotecnologia, ou seja, procuramos saber como as mulheres se apropriam das biotecnologias para cuidar do corpo. Sob esse viés, perguntamos que tipo de procedimentos já se submeteram para cuidar do corpo e, assim, melhorar as "imperfeições" do mesmo. Os resultados apontaram como itens mais citados: pintar os cabelos esbranquiçados, usar produtos para evitar ou diminuir as rugas, fazer dietas ou regimes alimentares e usar peças de roupas específicas para tornear o corpo – cintas elásticas.

Para combater os aparecimentos indesejáveis da idade, as mulheres buscam no mercado produtos biotecnológicos que potencializem seu corpo para além de sua condição de natureza. Assim, por exemplo, uma mulher de 43 anos com início de branqueamento de cabelos recorre a uma tintura que devolve ao cabelo uma cor que a natureza corporal desta mulher já não consegue mais gerir. Assim, discutimos a biotecnologia como um método para adiar o processo do envelhecimento e, consequentemente, os sinais do tempo. Neste sentido, para Manske (2013), as possibilidades de alteração do humano a partir das biotecnologias é justificada pela busca de seu aperfeiçoamento, melhoria ou superação da condição humana.

> As introjeções tecnológicas surgem a fim de "turbinar" a máquina humana, ampliando-a, melhorando-a, melhor adaptando-a às necessidades ambientais. É como se a seleção "natural" de Darwin ganhasse outros contornos e nós, à mercê das leis evolutivas, tivéssemos de nos adaptar (MORENO e SILVA, 2005, p. 126).

Frente à manipulação do corpo e da vida com auxílio das biotecnologias, Vaz (1999, p. 101) menciona que:

> No tempo presente o processo de controle do corpo mediado pela ciência e pela tecnologia alcança parte da experiência humana, e tornam-se veículos importantes de uma prática cada vez mais recorrente entre nós, o culto à performance. A performance e o rendimento do corpo se expressam de diferentes formas, em variados campos, mostrando um corpo cada vez mais capaz de derrubar fronteiras. Essas podem ser externas ao corpo, relacionadas ao espaço e ao tempo, ou internas à sua própria constituição, de onde temos um corpo mais magro, mais forte, com esse ou aquele músculo mais desenvolvido, conforme conveniências e exigências de plantão (VAZ, 1999, p.101).

O gráfico seguinte apresenta o que as mulheres consideram importante ser feito ao expor seu corpo fora de casa. Além dos dados apresentados no gráfico, é indispensável mencionar que as mulheres entrevistadas não deixaram de citar que cuidados higiênicos são de fundamental importância.



Gráfico 6 – Percentual sobre o que as mulheres entrevistadas consideram importante ser feito ao expor seu corpo fora de casa

Segundo Del Priori (2000), o corpo da mulher na sociedade industrial tem uma nova tarefa: ser um corpo consumidor, e pior, consumidor em cada uma das partes – cada parte precisa ser cuidada. "Para as unhas, esmalte e lixas. Para os cabelos, xampus, tinturas, secadores. Para a pele, bronzeadores, hidratantes, sabonetes cremosos e desodorizantes" (DEL PRIORI, 2000, p. 91).

Sobre cirurgias plásticas, 214 mulheres assinalaram que "não" pensam em fazer algum tipo de modificação corporal através de intervenções plásticas e 186 disseram que pensam e estariam dispostas. Dessas 186 mulheres, 6 afirmaram ter feito cirurgia plástica nos seios de silicone ou redução das mamas e no abdômen, realizando a lipoaspiração. Aquelas que marcaram "sim" citaram que modificariam as seguintes partes do corpo:

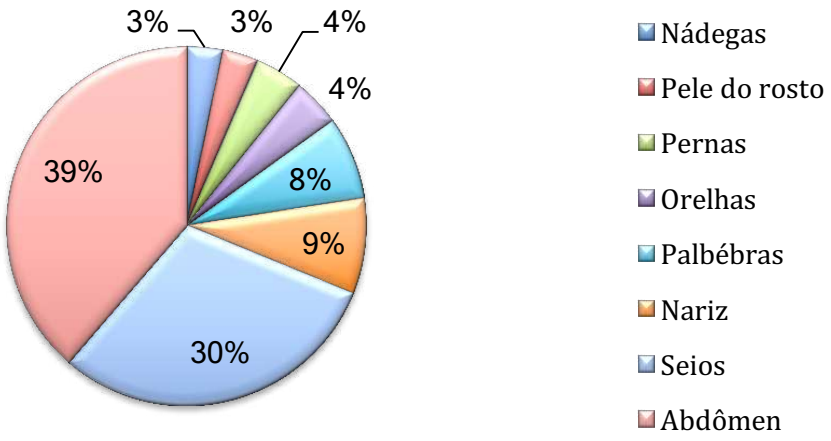


Gráfico 7 – Percentual sobre partes do corpo que as mulheres entrevistadas gostariam de mudar com cirurgia plástica

Todas as mulheres entrevistadas de alguma forma tomam cuidados com o corpo ao expor o mesmo fora de casa, assim como mostra o gráfico 6. Sendo assim, como mostra o gráfico da figura, 12,34% dos homens entrevistados nos revelam que suas companheiras sempre perguntam algo sobre o corpo, mostrando o quanto estão preocupadas com a opinião do próximo em relação a ele. Assim como mostra o resultado no gráfico, tal preocupação faz com que essas mulheres desejem estar em mesas cirúrgicas de centros estéticos, pois,

> Guiado pelo ideário da razão instrumental, o corpo é esquartejado. Suas partes são cobiçadas como objetos independentes. Busca-se possuir determinado tipo de traseiro, conquistar um modelo abdominal, alcançar pernas idealmente roliças ou formas de peitos impostas pelo imaginário social. A alienação corporal chegou a tal ponto que o elogio a uma prótese de silicone implantada em alguma parte do corpo para satisfazer a necessidades estéticas envaidece o sujeito portador do artifício. [...] Nesse programa, não há diferença entre um corpo e um carro. Ambos são objetos a serem consumidos e podem ser "turbinados" (MELANI, 2004 apud ROMANELLI e BEDANI, 2009).

Considerando que atividade física é qualquer movimento muscular que gere energia e que tenha gastos calóricos, quando questionadas sobre a prática de atividade física durante a semana, 148 responderam que "não" fazem nenhum tipo de atividade física no sentido de manter a saúde e 248 mulheres disseram que fazem atividades física. Dentre as atividades que essas mulheres realizam, as mais citadas foram caminhadas, dança, pilates, hidroginástica, treinamento funcional, musculação e aeróbica, como aponta o gráfico 8.

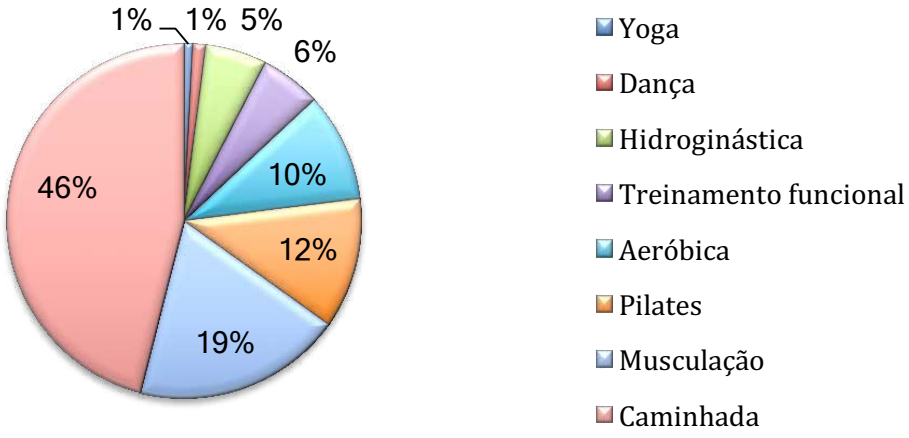


Gráfico 8 – Percentual sobre os tipos de atividade física que as mulheres entrevistadas praticam

Ao analisarmos estes dados, queremos nos remeter à narrativa apresentada por Hari Kunzru num dos capítulos do livro "Antropologia do ciborgue: vertigens do pós-humano". Esta autora sustenta a tese de que estamos na "Era do ciborgue" e, segundo ela, ser um ciborgue tem a ver com as várias relações cotidianas que o humano estabelece com os produtos tecnológicos – dos mais simples aos mais complexos:

> Ser um ciborgue não tem a ver com quantos bits de silício temos sob nossa pele ou com quantas próteses nosso corpo contém. Tem a ver com o fato de Donna Haraway ir à academia de ginástica, observar uma prateleira de alimentos energéticos para bodybuilding, olhar as máquinas para malhação e dar-se conta de que ela está em um lugar que não existiria sem a ideia do corpo como uma máquina de alta performance. Tem a ver com calçados atléticos (KUNZRU, 2009, p. 24).

A VOZ DOS HOMENS

Como já foi apresentado, o questionário dos homens foi direcionado para aqueles que acompanharam as mulheres durante as entrevistas, e que tinham alguma relação com a mulher de 35-45 anos na condição de parceiro – podendo ser namorado, noivo, marido ou amasiado. Do total de 50 homens entrevistados, constatou-se 6 namorados, 2 noivos, 34 casados e 8 amasiados. Estes homens convivem com estas mulheres no contexto de suas intimidades, a maioria deles, por mais de 10 anos de relacionamento, ficando expostos aos cuidados e comentários que elas veiculam aos seus corpos.

Dentro do que foi perguntado aos homens, procuramos saber que tipo de comentário eles ouvem as mulheres fazerem em relação ao próprio corpo. Dos 50 homens entrevistados, 11 disseram não ouvir nenhum comentário e 39 mencionaram ouvir queixas constantes das mulheres no que tange ao envelhecimento do corpo. Do total das respostas, a que mais se evidenciou foi a queixa das mulheres no sentido de estarem acima do peso e que precisam emagrecer para manter a forma. As principais reclamações esteve ligado ao sobrepeso (67%), fazer cirurgia plástica (15%), precisa fazer limpeza de pele (8%), acha-se magra (8%) e tem indisposição física (2%).

Mais uma vez a questão da gordura corporal lidera potencialmente a preocupação das mulheres. Sobre estes dados, sinalizamos algumas reflexões anteriormente. Queremos aqui discorrer sobre a importância do outro na constituição da imagem do corpo, na constituição de uma representação de corpo que envelhece. Neste sentido, trazemos ao texto a voz de Le Breton (2011, p. 236): "é do olhar do outro que nasce o sentimento abstrato de envelhecer". Ainda para este autor:

> O sentimento de velhice é uma mistura indiscernível de consciência de si (através da consciência aguda de um corpo que muda) e de uma apreciação social e cultural. O sentimento de ensomatose (queda do corpo) não é um dado bruto, é a interiorização de um juízo que deprecia a velhice, antes de ser um juízo pessoal (LE BRETON, 2011, p.236).

Perguntamos também aos companheiros das mulheres entrevistadas com que frequência elas os questionam fazendo perguntas que dizem respeito ao seu corpo. Foram constatados os seguintes resultados: 34% sempre; 28% nunca; 24% raramente; e 14% raramente.

Sobre estes dados, os sujeitos ainda citaram que as perguntas das mulheres sobre o corpo sempre estão relacionadas à aparência, estética, falta de confiança, boa convivência e autoestima. Neste sentido, Wolf (1992) menciona que a preocupação da beleza das mulheres está ligada ou diz respeito ao que os homens desejam e ao poder institucional deles. Essa proposição do autor se evidencia em nossa pesquisa na medida em que percebemos que 72% das mulheres de Aracaju de alguma forma estão querendo saber a opinião dos companheiros em relação ao seu corpo.

Outra questão direcionada aos homens foi relativa à opinião deles sobre o que eles acham que incomoda mais no corpo da mulher com o avançar da idade. Esta pergunta esteve centrada nas observações do convívio diário junto a estas mulheres. Veja no gráfico 9 as principais inquietações dessas mulheres.

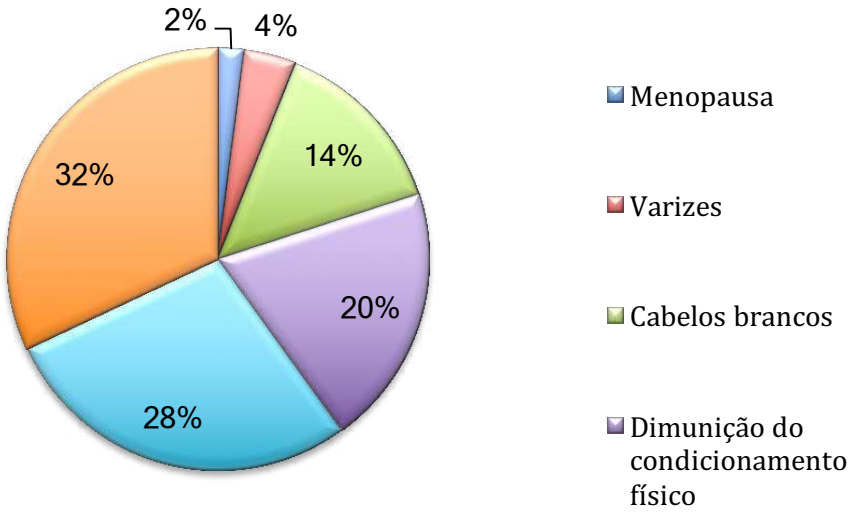


Gráfico 9 – Percentual sobre o que os homens entrevistados acham que incomoda no corpo da mulher

O entendimento de nosso corpo – e do "ser velho" – se dá a partir dos desdobramentos do ambíguo "eu-outro/ dentro-fora" que somos. Isso significa perceber "o corpo como tocante-tocado, o vidente-visto, lugar de uma espécie de reflexão e, através disso, capaz de relacionar-se a outra coisa que não a sua própria massa, de fechar o seu círculo sobre o visível, sobre o sensível exterior" (MERLEAU-PONTY, 2006 P. 337). Neste sentido, Bártolo (2007, p. 20-21) menciona que:

> Este corpo é ele próprio o "dentro", onde a representação se forma ou se projeta (sensação, percepção, imagem, memória, ideia, consciência) – e neste caso o "dentro" aparece (e aparece a si) como estrangeiro ao corpo como "espírito". Outras vezes, o corpo é o "fora" significante ("ponto zero" da orientação e da mira, origem e receptor das relações, inconsciente), e neste caso o "fora" aparece como uma interioridade espessa, uma caverna cheia, a abarrotar intencionalidade.

Desta forma, pensar a relação entre corpo, velhice e biotecnologia significa pensar nos regimes de sentido que fazem significar o corpo enquanto construto político mediado por técnicas. Ou seja, os sentidos e significados de um corpo que envelhece é fruto de um devir de sentidos sociais que não existem imunes à técnica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os dados deste estudo revelam um certo paradoxo no que tange à satisfação das mulheres entre 35-45 anos da cidade de Aracaju/SE. Os resultados obtidos apontam uma satisfação das mulheres para com seus corpos no processo de envelhecer – os dados apontam maior satisfação do que insatisfação. No entanto, é perceptível no âmbito das demais questões que as mulheres citam inúmeras preocupações e insatisfações relacionadas ao corpo.

Tanto na fala das mulheres como na de seus parceiros, o que causa maior preocupação e insatisfação nas mulheres com o avançar da idade é o aumento de peso corporal. A pele flácida e as rugas são o segundo tema que mais absorve a atenção das mulheres nessa idade. Como o questionário aplicado foi aberto, ou seja, a resposta veio do livre pensar das mulheres e homens entrevistados e não na forma de alternativas de escolha, percebemos que algumas preocupações apresentadas são mais gerais da vida cotidiana da mulher do que propriamente preocupações oriundas do processo inicial de envelhecimento corporal.

Especificamente no que tange ao uso e manipulação das biotecnologias ligadas às preocupações de retardar as marcas da idade no corpo feminino, vemos uma prevalência – consonante com a questão da insatisfação com o peso corporal – no desejo de mudanças no abdômen. 82% das

mulheres se queixam do sobrepeso (67%) e outras (15%) mencionam que precisam fazer uma reparação plástica. 39% das que se dizem dispostas a mudar o corpo via cirurgia plástica mencionam que mudariam o abdômen.

O baixo poder aquisitivo das mulheres entrevistadas mostra que o acesso à biotecnologia fica deficitário (50% das mulheres tem renda inferior a dois salários mínimos – 7% sem renda, 18% 1 salário mínimo e 25% até 2 salários mínimos). Esses dados, de certa forma, justificam o uso e manipulação das biotecnologias bem como os demais cuidados com o corpo que as mulheres aracajuanas adotam – por exemplo: a prevalência da caminhada como prática corporal entre as mulheres – 46%.

De modo geral os dados apontam que as mulheres mostram-se preocupadas e com desejos ligados à melhoria da sua aparência corporal frente à fase de início do processo de envelhecimento. Neste sentido, percebemos os esforços das mesmas nessa busca. No entanto, é também urgente perceber que a condição financeira limita alguns desses cuidados.

Pelo viés da biotecnologia, podemos afirmar em certa medida que cada vez mais o envelhecimento será substituído por próteses, silicones, plásticas que devolverão ao corpo uma forma mais jovial, fármacos que vão potencializar estruturas e funções corpóreas desgastadas. No entanto, essa transição precisa ser mediada por um processo pautado numa ética que transcenda os interesses econômicos, que veja no corpo feminino que envelhece não apenas números e cifras. Do contrário, teremos uma geração de idosos cada vez mais incomodada com as marcas da velhice no corpo – o sentido de incômodo é aqui trazido como sinônimo de quase neurose.

REFERÊNCIAS

BARBETTA, P. A. **Estatística aplicada às Ciências Sociais**. 3 ed. Florianópolis: Editora da UFSC, 1999.

BÁRTOLO, J. **Corpo e Sentido**: estudos intersemióticos. Covilhã – Portugal. Livros LABCOM, 2007.

BRUNO, F. "Membranas e Interfaces", in Nízia Villaça et al., (orgs.). **Que Corpo É Esse?** Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

DAOLIO, J. **Da cultura do corpo.** Campinas-SP: Papirus, 1994.

DEL PRIORI. M. **Corpo a corpo com a mulher:** pequena história das transformações do corpo feminino no brasil. São Paulo: Editora SENAC. 2000.

FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir:** história da violência nas prisões. 22. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

GOMES, R.M. A política da vida e a saúde. In: FRAGA, A.B.; CARVALHO, Y.M.; GOMES, I.M. **As práticas corporais no campo da saúde**. São Paulo: Hucitec, 2013, p.52-82.

GOELLNER, S.V.; SILVA, A.L.S. Biotecnologia e neoeugenia: olhares a partir do esporte e da cultura *fitness*. In: COUTO, E.S.; GOELLNER, S.V. (org). **O triunfo do corpo:** polêmicas contemporâneas. Petrópolis: Vozes, 2012, p.187-210.

GRESSLER, L. A. **Introdução à pesquisa: projetos e relatórios**. 3 ed. Ver. Atual. São Paulo: Loyola, 2007.

IBGE, Censo demográfico 2010
http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=280030&search=sergipe|aracaju
Acessado em abril de 2013.

KUNZRU, H. "Você é um ciborgue": um encontro com Donna Haraway. *In*: HARAWAY, D.; KUNZRU, H.; TADEU, T. (Orgs.) **Antropologia do ciborgue**: as vertigens do pós-humano. Belo Horizonte: Autêntica, p. 7-15, 2009.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M.A. **Fundamentos de metodologia científica.** 3. Edição revista e ampliada. São Paulo: Atlas, 1991.

LE BRETON, D. **A sociologia do corpo**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2006.

_____. **Antropologia do corpo e modernidade.** Tradução de Fábio dos Santos Creder Lopes. Petrópolis: Vozes, 2011.

MANSKE, S. G. Atletas do século XXI: ou das fusões: biotecnológicas nos atletas de alto rendimento. Porto Alegre, **Revista Movimento**. v. 19, n. 01, p. 289-308, jan/mar de 2013.

MERLEAU-PONTY, M. **A natureza.** Tradução Álvaro Cabral. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

NETTO, F. L. M. Aspectos biológicos e fisiológicos do envelhecimento humano e suas implicações na saúde do idoso. **Revista Pensar a Prática**7: 75-84, Mar. – 2004.

PALÁCIOS, A. da R. J. Uma estética para corpos mutantes. In COUTO, E. S.; GOELLNER, S. V. (org.). **Corpos Mutantes:** ensaios sobre novas (d)eficiências corporais. 2 ed. Potro Alegre. Editora, 2011.

ROMANELLI, N.; BEDANI, A. O engodo do corpo perfeito: alguns apontamentos inspirados nas ideias de Adorno e Horkheimer. Minas Gerais. **Revista on-line Veritonio de Educação e Ciências Humanas** n. 10, Ano V. Outubro. 2009

SILVA, A. L.; MORENO, A. Frankenstein e *cyborgs*: pistas no caminho da ciência indicam o "novo eugenismo". **Revista Pensar a Prática** v.8, n.2, p. 125-139, Jul./Dez. 2005.

SWAIN, T. N. Velha? Eu?: autorretrato de uma feminista. In RAGO, M.; NETO, A. V. (org.). **Figuras de Foucault.** 2 ed. Belo Horizonte: Autêntico, 2008.

VAZ, A. Do culto a performance: esporte, corpo e rendimento**. Revista Brasileira de Ciências do Esporte – RBCE,** v. 21, n. 01. Florianópolis, setembro de 1999.

VIGARELLO, G. **História da Beleza:** O corpo e a arte de se embelezar, do Renascimento aos dias de hoje. Tradução de Léo Schlafman. Rio de Janeiro, RJ: Ediouro, 2006.

WOLF, N. **O mito da beleza:** Como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres. Rio de Janeiro. Rocco, 1992.

MINI BIOGRAFIA

Luana Alves dos Santos (luana.adsantos1@gmail.com)



Graduanda em Educação Física Licenciatura pela Universidade Federal de Sergipe – UFS. Bolsista do Programa Institucional de Iniciação a Docência (PIBID/CAPES) pela Universidade Federal de Sergipe – UFS (2014-2015). Membro do grupo de pesquisa "Corpo e governabilidade" da Universidade Federal de Sergipe – UFS/CNPq.

Link para o currículo lattes: http://lattes.cnpq.br/2524390830137939

Fabio Zoboli (zobolito@gmail.com)



Doutor em Educação pela Universidade Federal da Bahia – UFBA. Professor do programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe – UFS. Professor do Departamento de Educação Física da UFS. Membro do grupo de pesquisa "Corpo e governabilidade" da Universidade Federal de Sergipe – UFS/CNPq.

Link para o currículo lattes: http://lattes.cnpq.br/0682121655932961

Crislene Gois Santos (leninha_gois@hotmail.com)



Graduanda em Educação Física Licenciatura pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). Bolsista do Programa Institucional de Iniciação a Docência - PIBID/CAPES (2014-2015). Estagiária da Prefeitura Municipal de Sergipe (2013-2015). Membro do grupo de pesquisa "Corpo e Governabilidade" da Universidade Federal de Sergipe – UFS/ CNPq.

Link para o currículo lattes: http://lattes.cnpq.br/0888559571786030

Theodoro Filho (theodoro@infortele.com.br)



Graduando em Educação Física na Universidade Federal de Sergipe –UFS. Membro do grupo de pesquisa "Corpo e governabilidade" da Universidade Federal de Sergipe – UFS/CNPq.

Link para currículo lattes: http://lattes.cnpq.br/0869066089859170